

SIGNIFICADOS DO PAPEL DO ACOMPANHANTE EM UNIDADE HOSPITALAR: VISÃO DA PESSOA HOSPITALIZADA COM CONDIÇÃO CRÔNICA

MEANINGS OF THE ROLE OF THE ACCOMPANYING PERSON IN A HOSPITAL UNIT: VISION OF THE HOSPITALIZED PERSON WITH CHRONIC CONDITION

SIGNIFICADOS DEL PAPEL DEL ACOMPAÑANTE EN UNA UNIDAD HOSPITALARIA: VISIÓN DE LA PERSONA HOSPITALIZADA CON ENFERMEDAD CRÓNICA

Amaliane Bernardes Arcas¹
Gustavo Ribeiro Campos¹
Rogério Silva Lima²
Silvana Maria Coelho Leite Fava³
Roberta Seron Sanches⁴

Resumo

Objetivo: investigar os significados do papel do acompanhante na ótica da pessoa hospitalizada com condição crônica. Método: pesquisa de abordagem qualitativa, realizada com 22 adultos que convivem com doença crônica, usuários de um hospital da região Sul do estado de Minas Gerais. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas gravadas, norteadas por questionário semiestruturado. Para a organização e análise dos dados foi utilizada a análise temática. Resultados: a análise dos dados possibilitou a delimitação do tema “Acompanhamento hospitalar: um acordo simbólico”, composto de três subtemas, “Acompanhante: uma companhia”, “Acompanhante: aquele que faz para” e “Acompanhante: aquele que zela por”. Conclusão: sob a ótica da pessoa hospitalizada com condição crônica, o acompanhante é concebido como um elemento dotado de atribuições durante o processo de hospitalização, as quais incluem transmitir segurança, ser companhia, auxiliar nos cuidados e permanecer vigilante quanto a assistência recebida pelos profissionais de saúde.

Descritores: Acompanhantes de Pacientes; Doença Crônica; Enfermagem; Hospitalização.

Abstract

Objective: to investigate the meanings of the role of the companion in the perspective of person hospitalized with chronic condition. Method: qualitative research, performed with 22 adults who live with chronic illness, users of a hospital

¹ Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. amaliane_2204@yahoo.com.br; gustavo_unifal@yahoo.com.br

² Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Professor Assistente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. rogerio.lima@unifal-mg.edu.br

³ Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. silvanalf2005@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. robertaseron@gmail.com

in the southern region of Minas Gerais. Data were collected through recorded interviews, guided by semi-structured questionnaire and to the organization and analysis of the data was used to thematic analysis. Results: the analysis of data made possible the delimitation of the theme "Hospital monitoring: a symbolic agreement", composed of three sub-themes, "Accompanying: a companionship", "Accompanying: one who makes for" and "Accompanying: one who watches for". Conclusion: from the perspective of the person hospitalized with chronic condition, the accompanying person is conceived as an element with role assignments during hospitalization, which include transmitting security, being a company, assisting in care and remaining vigilant about the assistance received by the health professionals.

Descriptors: Accompanying Patients; Chronic Disease; Nursing; Hospitalization.

Resumen

Objetivo: investigar los significados del papel del acompañante en la perspectiva de la persona hospitalizada con enfermedad crónica. Método: investigación cualitativa realizada con 22 adultos que viven con enfermedades crónicas, usuarios de un hospital en el sur de Minas Gerais. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas grabadas, guiadas por cuestionario semiestructurado, y para la organización y análisis de los datos se utilizó el análisis temático. Resultados: el análisis permitió la delimitación del tema "Acompañamiento hospitalario: un acuerdo simbólico", compuesto por tres sub-temas, "Acompañante: una compañía", "Acompañante: aquel que hace para" y "Acompañante: aquel que se preocupa por". Conclusión: desde la perspectiva de los pacientes hospitalizados con enfermedades crónicas, el acompañante es un elemento que tiene tareas durante el proceso de hospitalización, que incluyen transmisión de seguridad, ser acompañante, ayudar en el cuidado y permanecer vigilante sobre la atención recibida por los profesionales de salud.

Descriptores: Acompañantes de Pacientes; Enfermedad Crónica; Enfermería; Hospitalización.

Introdução

No Brasil, a situação atual de saúde é caracterizada por aumento de morbimortalidade por causas externas, presença de doenças infecciosas e crescimento de doenças crônicas decorrentes do envelhecimento e do aumento de fatores de risco, como sedentarismo, sobrepeso, má alimentação e tabagismo⁽¹⁾.

As doenças crônicas estão relacionadas à maior necessidade de utilização dos serviços de saúde, bem como a períodos recorrentes e prolongados de hospitalização⁽²⁻³⁾, que podem resultar em angústia e ansiedade tanto para o adoecido quanto para os familiares⁽³⁾.

Durante a hospitalização, a pessoa adoecida pode deparar-se com a perda de sua identidade e autonomia, devendo ser atendida dentro de uma perspectiva integral e humanizada, que não se restrinja às demandas biológicas, visto que, frequentemente, ela é reduzida à doença ou ao segmento corporal acometido⁽⁴⁾. Assim, a inserção de acompanhantes durante a internação pode proporcionar suporte emocional à pessoa hospitalizada, bem como contribuir para a redução do estado de alerta, dos sentimentos

de tristeza e da ansiedade diante de situações desconhecidas⁽⁵⁾.

Contudo, para que seja traduzido em benefícios, o acompanhamento durante o processo de internação deve ser desejado e aceito pela pessoa adoecida⁽⁶⁻⁷⁾, embora, com frequência, as decisões sobre a permanência de acompanhantes no hospital envolvam outros interesses, como o cumprimento à legislação e a necessidade de suprimento de déficits de profissionais de enfermagem^(6,8).

Tem sido descrito que, para os profissionais de enfermagem, a presença de acompanhantes em ambiente hospitalar consiste em uma situação paradoxal. A mesma equipe que os vislumbra como elementos capazes de proporcionar apoio e companhia, não raras vezes atribui-lhes papéis de vigilância e de cuidados. Quando os acompanhantes não correspondem a essa expectativa, ocorre resistência por parte desses profissionais em aceitar sua permanência no ambiente hospitalar⁽⁶⁾.

Observa-se, portanto, ausência de clareza no que diz respeito ao acompanhamento hospitalar.

O direito a acompanhante é comumente interpretado como um dever, desconsiderando-se a disponibilidade e os anseios do próprio acompanhante, bem como as necessidades subjetivas da pessoa hospitalizada, além do impacto do acompanhamento hospitalar na recuperação da sua saúde, autonomia e reinserção social⁽⁸⁾.

Nessa perspectiva, a compreensão dos significados que são elaborados pelas pessoas hospitalizadas a respeito do papel do acompanhante durante a internação pode fomentar reflexões aos profissionais, que remetam a uma análise crítica dos determinantes e paradigmas assistenciais em curso. Além disso, pode propiciar subsídios para uma avaliação criteriosa acerca das necessidades e dos benefícios da inserção do acompanhante em ambiente hospitalar, de modo a proporcionar voz ao elemento protagonista desse processo: a pessoa adoecida.

Assim, este estudo objetivou investigar os significados do papel do acompanhante na ótica da pessoa hospitalizada com condição crônica.

Metodologia

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, realizado em um hospital situado na região sul do estado de Minas Gerais, instituição de caráter filantrópico e de porte médio.

Participaram do estudo, 22 pacientes, selecionados por conveniência, que atenderam aos seguintes critérios de elegibilidade: idade igual ou superior a 18 anos; estar hospitalizado em unidade de internação de clínica médica ou cirúrgica; estar hospitalizado por uma condição crônica de adoecimento, agudização de condição crônica ou complicações relacionadas; estar acompanhado durante a internação e possuir cognição e capacidade de comunicação preservadas. Foram excluídos do estudo, os pacientes que não atenderam aos critérios de elegibilidade.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2016, nas alas de clínica médica e cirúrgica masculina e feminina, por meio de entrevistas semiestruturadas e gravadas,

sendo finalizada segundo critério de saturação dos dados, quando os objetivos do estudo foram alcançados. O roteiro de entrevista contemplava as questões norteadoras: “O que significa para você ter um acompanhante ao seu lado?”; “Na sua opinião, o que a pessoa que lhe acompanha durante a internação deve fazer por você?” e “De quem foi a decisão de ter um acompanhante?”

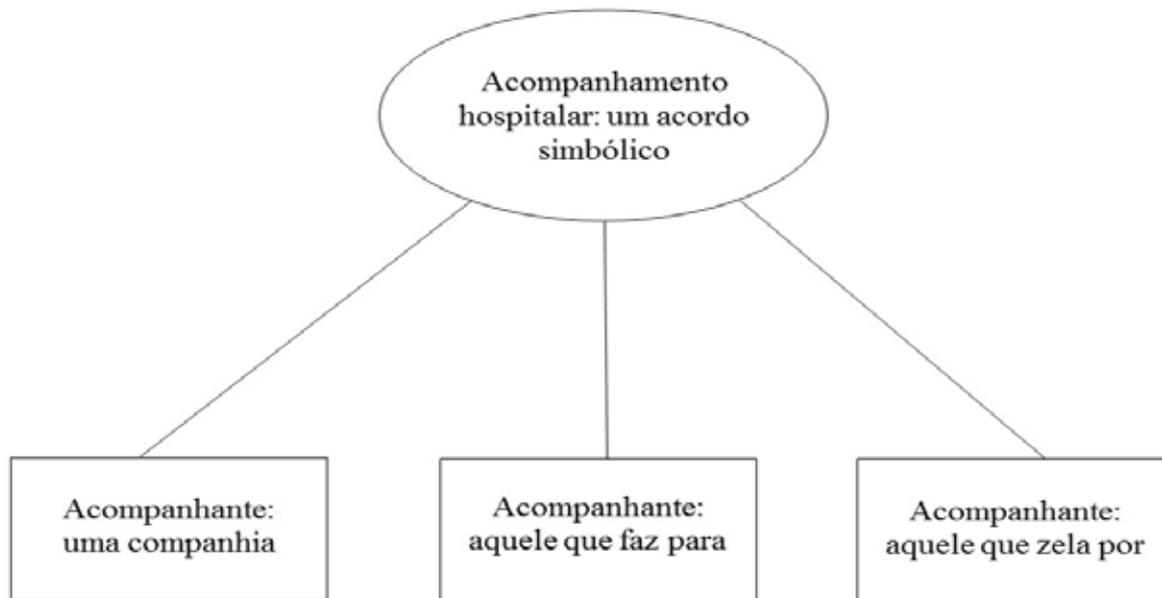
Para organização e análise dos dados foi utilizada análise temática, percorrendo-se um processo de análise composto por seis fases: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, procura pelos temas e elaboração de mapa temático, revisão dos temas, definição e nomeação dos temas e produção do relatório⁽⁹⁾.

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (Parecer número 1.365.931). Foi solicitada a anuência dos participantes para integrar o estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para assegurar o anonimato, os nomes foram substituídos pela letra “E”, seguida por numeral arábico.

Resultados e Discussão

Dentre os 22 participantes do estudo, observou-se que a maioria apresentava faixa etária acima de 60 anos (68,18%), eram aposentados ou pensionistas (68,18%), com nível de escolaridade fundamental incompleto (59,09%), estavam internados em decorrência de neoplasias (63,64%), com tempo de internação entre um e cinco dias no momento da coleta de dados (81,82%) e possuíam história de internações anteriores (95,45%).

A análise dos dados oriundos das entrevistas possibilitou a delimitação de um tema, denominado “Acompanhamento hospitalar: um acordo simbólico”, o qual é composto por três subtemas, denominados “Acompanhante: uma companhia”, “Acompanhante: aquele que faz para” e “Acompanhante: aquele que zela por”, conforme representado na Figura 1.

Figura 1 – Mapa temático

Fonte: Elaboração própria.

O tema “Acompanhamento hospitalar: um acordo simbólico” remete à existência de um contrato simbólico estabelecido entre as pessoas hospitalizadas, os profissionais de saúde e seus acompanhantes.

Dos depoimentos depreende-se, implicitamente, que existe um acordo entre os atores do processo de trabalho hospitalar que condiciona e determina tanto as possibilidades dos fazeres do acompanhante quanto o modo como ele deve ser no ambiente hospitalar. Desta forma, os diferentes atores, embora pautados em óticas distintas, assentem na relevância da presença do acompanhante durante a internação hospitalar.

O médico né, disse que tinha que ter um acompanhante por causa da idade. (E21).

Bom! Porque a gente sempre precisa. Eu mesmo que decidi ter um acompanhante. (E6).

Foi do meu pai mesmo... comigo, porque ele não me deixa sozinho de jeito nenhum. (E16).

A concordância desses diferentes atores acerca do processo de acompanhamento é elaborada com base em diferentes perspectivas, que incluem o arcabouço legal sobre a questão, solicitação dos profissionais de saúde ou da pessoa hospitalizada e decisão do próprio acompanhante.

Entre adoecidos e acompanhantes admite-se que há, de maneira subentendida, o desejo de manutenção da proximidade das relações durante a hospitalização, o que faz com que, muitas vezes, não se estabeleçam discussões acerca do processo de acompanhamento, de modo que, instintivamente, as pessoas do convívio do adoecido disponibilizem-se para permanecer ao seu lado durante a hospitalização⁽⁷⁾.

Cada um... igual minha mulher é acompanhante, ela já sai desde lá de casa. A minha filha também a mesma coisa. Chega aqui, o que ficar de acompanhante é acompanhante. Aí a pessoa já vem de lá para cá é o acompanhante. A família resolve, mas assim, chegar aqui e falar assim: vai ter que ficar com acompanhante, isso aí não teve não. (E23).

Para a instituição e os profissionais de saúde, a relevância do acompanhamento justifica-se, pois, além de representar cumprimento de questões legais e avanços no que diz respeito à qualidade e humanização^(8,10), o acompanhante pode contribuir para o tratamento, recuperação e suporte emocional do adoecido⁽⁵⁾, além de desenvolver funções, como vigilância⁽⁶⁾ e execução de algumas atividades de cuidado direto⁽¹¹⁾.

Essas diferentes motivações subsidiam a presença e aceitação do acompanhante em ambiente hospitalar, mesmo em casos que não se encontram previstos na legislação.

No que diz respeito ao subtema “Acompanhante: uma companhia”, identificou-se, por meio das falas, que os participantes esperam que o acompanhante exerça a função de alguém que permanece junto para conversar, distrair, ouvir e oferecer apoio emocional.

Tem com quem conversar à noite [...] Conta história, dá risada, conta uma coisa que aconteceu. Tudo isso vai divertindo a gente, vai alegrando a gente. E às vezes a gente fica sozinha, as colegas estão longe, às vezes dorme, a gente fica acordada, ela [acompanhante] perde o sono e eu perco o sono, a gente fica aqui tagarelando. (E15).

Ah, eu fico muito feliz, porque ficar sozinha é ruim, principalmente num horário desse! Porque tem uma pessoa para ajudar, para conversar, sabe? Eu gosto, acho muito boa a companhia da minha companheira. (E9).

Ao ser companhia, o acompanhante exerce papel de conversar, favorecendo a percepção de que o tempo decorre de forma mais rápida, tornando, assim, a internação menos estressante. Adicionalmente, o apoio biopsíquico inclui o acolhimento, oferecimento de segurança e tranquilidade⁽¹²⁾, estando em consonância com os relatos apresentados pelos participantes do presente estudo.

O apoio espiritual também foi relatado pelos adoecidos como um papel relevante. O ato de orar ou rezar foi percebido como um dos benefícios que a companhia de alguém pode oferecer.

Eu prefiro que ora pra mim. Oração, muita oração e visitar. (E6).

Falando assim, vai melhorar, vamos rezar junto, vamos orar junto. (E8).

Assim, os relatos demonstram que o contexto relacionado à pessoa hospitalizada envolve não só o adoecimento do ponto de vista biológico, mas outras necessidades de âmbito psicossocial e espiritual. Tais necessidades decorrem de solidão, angústias, medos, ansiedade, valores e crenças⁽¹³⁾, e a responsabilidade por amenizá-las parece ser atribuída ao acompanhante.

Contudo, ressalta-se que o atendimento a essas necessidades não deve ficar restrito ao acompanhante, haja vista que a assistência integral ao ser humano, preconizada pela Política Nacional de Humanização, envolve o rompimento com a ideia de fragmentação, considerando a pessoa em suas inseparáveis dimensões

biopsicossociais⁽¹⁴⁾, sendo, portanto, responsabilidade de toda a equipe de saúde.

O subtema “Acompanhante: aquele que faz para”, diz respeito à percepção elaborada pelos participantes de que os acompanhantes devem auxiliá-los, realizando atividades de cuidado. Estas, entretanto, convergem com atividades exercidas pela enfermagem, como movimentação, alimentação e higiene, sendo o desempenho do acompanhante interpretado como uma relação de ajuda.

[...] por exemplo, eu não consigo virar na cama. Às vezes ajudar a alimentar, que, no caso meu, eu não consigo alimentar com a mão direita. É trocar uma fralda, uma roupa. Eu não consigo ir no banheiro também. É vestir uma roupa, virar na cama. (E7).

Precisar pôr uma roupa, que eu tô impossibilitada, ela me ajuda. Eu tenho medo de eu cair aqui, ela me segura. A hora que eu tô andando assim, às vezes tá meio cambaleando, a gente tem um apoio. (E9).

Os relatos corroboram resultados de estudo que revelou existir, durante a internação hospitalar, pessoas adoecidas que sentem falta da companhia e também da presença e auxílio do acompanhante nos momentos que envolvem alimentação e higiene pessoal⁽¹⁵⁾.

A realização de atividades de cuidado, como a higienização corporal, oferecimento de alimentação e auxílio à locomoção foi relatada em estudos envolvendo familiares de pessoas hospitalizadas⁽¹⁶⁾. Neste estudo, foi valorizada pelos participantes como um papel cujo desenvolvimento é esperado do acompanhante. Este papel atribuído ao acompanhante também tem sido descrito como uma expectativa de profissionais de saúde⁽⁶⁾ e dos próprios acompanhantes⁽¹⁷⁾.

Contudo, embora algumas necessidades humanas básicas como higienização e alimentação pareçam simples de se realizar em ambiente domiciliar, adquirem complexidade no cenário do hospital e requerem que a equipe de enfermagem atue na orientação e capacitação para seu desenvolvimento⁽¹⁸⁾. No entanto, é preciso que se questione em que medida o acompanhante deseja participar do cuidado direto àquele que acompanha.

No subtema intitulado “Acompanhante: aquele que zela por”, fica evidente, nos relatos

das pessoas hospitalizadas, a preocupação em ter alguém atento a situações, como o término da infusão do soro e de medicamentos, necessidade de comunicação com a equipe de enfermagem na vigência de alterações de quadro clínico ou diante da necessidade de cuidados e ao risco de quedas. Estas ações são, portanto, atribuídas ao acompanhante, que assume o papel de zelar pelo adoecido.

Se o remédio tá terminando, ele vai avisar o enfermeiro [...] Se, de repente, você tá passando mal, que nem aconteceu de o meu port-a-cath escapar, vazou sangue, aí a moça correu, chamou a enfermeira padrão, e aí já veio ver rápido. (E10).

Ou senão estava passando muito mal, ele (acompanhante) ia e chamava a enfermeira, pra ver o que estava acontecendo, né? (E16).

Essa função de vigilância, retratada pelos participantes como um papel esperado do acompanhante, também é relatada em estudo⁽¹⁹⁾ que afirma como um dos motivos que o leva a permanecer no hospital é o desejo de “fiscalizar” se a pessoa adoecida está recebendo assistência adequada.

Destarte, o acompanhante, ao exercer a função de vigilância, assume também a missão de reportar à equipe de enfermagem quaisquer necessidades que extrapolem, o que é compreendido como seu papel. Desse modo, atua como elo entre a pessoa hospitalizada e a equipe de enfermagem^(6,19).

Deve estar atento no soro, olhar o soro, atender a gente, chamar as pessoas [...] Às vezes, a gente precisa e não pode, não tem condições de andar. Então as pessoas, há de procurar outro, chamar a pessoa, o enfermeiro. O que ele tem condição de fazer é assim. Quando um soro acaba, ele tem que correr atrás da pessoa, porque ele não tem condição de mexer ali, ele não pode mexer, a responsabilidade não é dele. Então é isso aí. (E13).

Sob a ótica dos participantes deste estudo, existem ações que são passíveis de intervenção pelo acompanhante, outras não. No caso destas últimas, entendem caber somente a um profissional qualificado. Essas ações não devem ultrapassar os limites do que é compreendido como atribuição do acompanhante, de modo a não desenvolver as que são de competência exclusiva dos profissionais de saúde. Apesar disso, reconhece-se que os limites e as possibilidades

de sua atuação estão sujeitos às condições pré-estabelecidas que regem o *modus operandi* dos atores do processo de trabalho.

Em algumas situações, a equipe de enfermagem realiza orientações sobre alterações importantes no quadro clínico do adoecido, conscientizando o acompanhante a manter-se vigilante; em outras, sobretudo nos casos de sucessivas internações, o próprio acompanhante habitua-se a algumas particularidades da rotina hospitalar⁽²⁰⁾, o que traz à tona questionamentos acerca de seu preparo para o desenvolvimento desse papel.

Os resultados deste estudo permitem afirmar que os significados do papel do acompanhante, sob a perspectiva da pessoa adulta hospitalizada, envolvem companhia, apoio emocional, cuidado e vigilância, o que, de acordo com a literatura, parece estar em concordância com as percepções de acompanhantes⁽¹⁷⁾ e de profissionais de enfermagem⁽¹²⁾.

A despeito de, neste estudo, a presença do acompanhante durante a internação tenha se revelado como um acordo simbólico, aceito pelos diferentes atores envolvidos, o desejo do adoecido pela presença do acompanhante não consiste em unanimidade⁽²¹⁾, o que corrobora o entendimento de que a pessoa hospitalizada deve ser posicionada no centro desta decisão.

Este estudo apresenta como limitação o fato de as entrevistas terem sido realizadas na presença do acompanhante, em virtude da estrutura física, das condições clínicas e do próprio desejo dos participantes. Apesar disso, apresenta contribuições significativas, haja vista que as questões relativas à temática ainda são pouco exploradas na literatura, sobretudo no que concerne à ótica da pessoa hospitalizada.

Diante do exposto, sugere-se a realização de novos estudos sobre a temática, que envolvam pessoas hospitalizadas que apresentem condições agudas e crônicas, profissionais de saúde e acompanhantes, com vistas a fomentar reflexões que remetam à compreensão do verdadeiro sentido do acompanhamento na instituição hospitalar e a relevância desse processo para as pessoas adoecidas.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo permitiram observar a existência de um acordo simbólico estabelecido entre as pessoas hospitalizadas, os profissionais de saúde e seus acompanhantes, que condiciona e determina as possibilidades e os fazeres do acompanhante no ambiente hospitalar.

Sob a ótica da pessoa hospitalizada com condições crônicas, o acompanhante é concebido como um elemento dotado de atribuições durante o processo de hospitalização, as quais incluem transmitir segurança, ser companhia, auxiliar nos cuidados e permanecer vigilante quanto à assistência recebida. Entretanto, os limites e possibilidades de sua atuação se assentam nos constructos elaborados pelos atores do processo de trabalho, profissionais e pacientes, acerca de seu papel.

Desse modo, conhecer os significados do papel do acompanhante pode contribuir para melhoria na assistência ao paciente hospitalizado e para o trabalho da equipe de saúde, compreendendo a ótica do acompanhamento na instituição hospitalar e a relevância desse processo para os adoecidos.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica [Internet]. Brasília; 2014. [citado 2016 nov 30]. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/biblioteca.php?conteudo=publicacoes/cab35>
2. Chibante CLP, Espírito Santo FH, Santos TD, Pestana LC, Santos ACS, Pinheiro FM. Fatores associados à internação hospitalar em clientes com doenças crônicas. *Ciênc Cuid Saúde* [Internet]. 2015 out/dez [citado 2016 nov 30];14(4):1491-7. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/24881>
3. Montefusco SAR, Bachion MM. Manutenção do lar prejudicada: diagnóstico de enfermagem em familiares de pacientes hospitalizados com doenças crônicas. *Rev eletrônica enferm* [Internet]. 2011 abr/jun [citado 2016 nov 30];13(4):182-9. Disponível em: https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v13/n2/v13n2a04.htm
4. Henriques RTM, Cabana MCFL. O acompanhante no processo de hospitalização. *Rev Humanae* [Internet]. 2013 [citado 2016 nov 30];7(1):1-11. Disponível em: <http://humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/article/view/69>
5. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: visita aberta e direito a acompanhante [Internet]. Brasília; 2010. [citado 2016 nov 30]. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/93799-visita-aberta-e-direito-a-acompanhante>
6. Szarecki C, Beuter M, Brondani CM. O familiar acompanhante no cuidado ao adulto hospitalizado na visão da equipe de enfermagem. *Rev gaúcha enferm* [Internet]. 2010 dez [citado 2016 nov 30];31(4):715-22. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000400015
7. Beuter M, Brondani CM, Szarecki C, Cordeiro FR, Roso CC. Sentimentos de familiares acompanhantes de adultos face ao processo de hospitalização. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2012 mar [citado 2016 nov 30];16(1):134-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a18.pdf>
8. Sanches ICP, Couto IRR, Abrahão AL, Andrade M. Acompanhamento hospitalar: direito ou concessão ao usuário hospitalizado? *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2013 jan [citado 2016 nov 30];18(1):67-76. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n1/08.pdf>
9. Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. *Qual Res Psychol* [Internet]. 2006 [cited 2016 nov 30];3(2):77-101. Available from: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>
10. Dahdah DF, Carvalho AMP, Delsim JC, Gomes BR, Miguel VS. Grupo de familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados: estratégia de intervenção da Terapia Ocupacional em um hospital geral. *Cad Ter Ocup UFSCar* [Internet]. 2013 [citado 2016 nov 30];21(2):399-404. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/826>
11. Peres GM, Lopes AMP. Acompanhamento de pacientes internados e processos de humanização em hospitais gerais. *Psicol hosp* [Internet]. 2012 jan

- [citado 2016 nov 30]; 10(1):17-41. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092012000100003
12. Szerwieski LLD, Cortez LER, Marcon SS. O acompanhante do adulto hospitalizado na ótica da equipe de enfermagem. *Rev enferm UFPE on line* [Internet]. 2016 jan [citado 2016 nov 30];10(1):48-56. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/8782/pdf_9320
 13. Santos RA, Lopes VC, Camillo SO, Maiorino FT. Percepções do graduando de enfermagem sobre a importância do acompanhante do paciente internado. *Rev Enferm Cent O Min* [Internet]. 2015 jan/abr [citado 2016 nov 30];5(1):1425-38. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/690>
 14. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Humaniza SUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS* [Internet]. Brasília; 2010. [citado 2016 nov 30]. Disponível em: http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf
 15. Borges HA, Vargas DRM. As dificuldades encontradas pelo idoso hospitalizado sem acompanhante. *Rev Cient ITPAC* [Internet]. 2011 jul [citado 2016 nov 30];4(3). Disponível em: <http://www.itpac.br/arquivos/Revista/43/6.pdf>
 16. Dibai MBS, Cade NV. A experiência do acompanhante de paciente internado em instituição hospitalar. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2009 jan/mar [citado 2016 nov 30];17(1):86-90. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a16.pdf>
 17. Chernicharo IM, Ferreira MA. Sentidos do cuidado com o idoso hospitalizado na perspectiva dos acompanhantes. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2015 jan/mar [citado 2016 nov 30];19(1):80-5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n1/1414-8145-ean-19-01-0080.pdf>
 18. Squassante ND, Alvim NAT. Relação equipe de enfermagem e acompanhantes de clientes hospitalizados: implicações para o cuidado. *Rev bras enferm* [Internet]. 2009 jan/fev [citado 2016 nov 30];62(1):11-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/02.pdf>
 19. Steytler SJS, Oliveira A. Direito ou responsabilização das famílias no acompanhamento hospitalar. *Argumentum* [Internet]. 2016 jan/abr [citado 2016 nov 30];8(1):174-90. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/11138/8794>
 20. Souza TV, Oliveira ICS. Interação familiar/acompanhante e equipe de enfermagem no cuidado à criança hospitalizada: perspectivas para a enfermagem pediátrica. *Esc Anna Nery rev enferm* [Internet]. 2010 jul/sep [citado 2016 nov 30];14(3):551-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a17.pdf>
 21. Maciel MR, Souza MF. Acompanhante de adulto na Unidade de Terapia Intensiva: uma visão do paciente. *Acta paul enferm* [Internet]. 2006 [citado 2016 nov 30];19(2):138-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n2/a03v19n2.pdf>

Artigo apresentado em: 23/6/2016

Aprovado em: 1/12/2016

Versão final apresentada em: 15/12/2016

Data de publicação: 22/12/2016